

Editorial

Prezado autor: quais os critérios de qualidade para publicação de um protocolo de prática clínica?

Dear author: what are the quality criteria for publishing a clinical practice protocol?

Angelita Cristine MELO, Mario Jorge SOBREIRA-DA-SILVA, Renata Cristina NASCIMENTO
DOI: 10.30968/rbfhss.2021.123.0680

A importância dos protocolos, guias e diretrizes de prática clínica

Nas últimas décadas, os protocolos, guias e diretrizes de prática clínica tornaram-se um componente essencial do cuidado em saúde. As diretrizes clínicas são posicionamentos ou recomendações sistematicamente desenvolvidas para orientar profissionais de saúde e pacientes acerca dos cuidados de saúde apropriados, em circunstâncias clínicas específicas.¹⁻⁴ De maneira similar, guias são recomendações baseadas em evidências para o cuidado de pacientes com condições ou doenças específicas.⁵ Estes documentos, se desenvolvidos e implementados de acordo com os padrões internacionais, têm o potencial de reduzir a variação de prática injustificada e melhorar a qualidade e a segurança da assistência à saúde.⁶

Os protocolos clínicos são recomendações sistematicamente desenvolvidas com o objetivo de prestar uma atenção à saúde apropriada em relação a partes do processo e em um ponto de atenção à saúde determinado. Assim, os protocolos são documentos específicos, mais voltados às ações de promoção, prevenção, cura/cuidado, reabilitação ou palição, em que os processos são definidos com maior precisão e menor variabilidade.⁷

Estudos conduzidos em todo o mundo mostram que os procedimentos realizados em instituições de saúde variam amplamente entre profissionais de saúde, especialidades e regiões geográficas. Neste contexto, os protocolos e diretrizes de prática clínica são um ponto de referência comum para avaliações prospectivas e retrospectivas das práticas dos profissionais e instituições de saúde, fornecendo critérios para implantar e avaliar as melhores práticas de cuidado. Diretrizes que promovem intervenções de benefício comprovado melhoram a consistência do cuidado e têm o potencial de reduzir a morbimortalidade, melhorando a qualidade de vida das pessoas.⁸

Tanto as diretrizes clínicas como os protocolos podem ser usados como fonte de recomendações para o desenvolvimento de padrões de atuação tanto para os profissionais quanto para as organizações de saúde. Eles oferecem, por exemplo, instruções objetivas sobre quais testes de diagnóstico ou triagem solicitar, a indicação correta de consultas e procedimentos cirúrgicos e o tempo de permanência dos pacientes em um hospital.⁸ Adicionalmente, auxiliam o treinamento de profissionais de saúde e a tomada de decisões informadas,⁶ pelos pacientes. Assim, o objetivo principal destas diretrizes ou protocolos é a oferta de instruções precisas e concisas sobre como fornecer serviços de saúde, a fim de se obter os melhores resultados possíveis para o paciente, o profissional e a instituição envolvidos.⁹

Os benefícios potenciais das diretrizes, guias e protocolos clínicos são diretamente proporcionais à qualidade metodológica desses próprios documentos. Como a qualidade pode ser extremamente variável, faz-se necessária a adoção de ferramentas que avaliem o rigor metodológico e a transparência com que estes documentos são desenvolvidos.¹⁰⁻¹¹ Será que todo protocolo ou diretriz de prática clínica tem potencial para ser convertido em um artigo científico? Para auxiliar na resposta a esta pergunta, o presente editorial discutirá os critérios de qualidade requeridos para a adequada elaboração e divulgação de diretrizes e protocolos clínicos. Além disto, serão apresentados aspectos essenciais para a estruturação de uma publicação científica, a partir destes documentos.

Brazilian Journal of Hospital Pharmacy
and Health Services
Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar
Serviços de Saúde

Open access: <http://www.rbfhss.org.br>

Editors-in-Chief

Angelita Cristine Melo
Federal University of São João Del-Rei - Divinópolis, Brazil
Elisângela da Costa Lima
Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil

Associate Editors

Fernando Fernandez-Llimos
University of Porto, Porto, Portugal
Luciane Cruz Lopes
University of Sorocaba, Sorocaba, Brazil
Maria Rita Garbi Novaes
Health Sciences Education and Research Foundation,
Brasília, Brazil
Mario Jorge Sobreira da Silva
National Cancer Institute, Rio de Janeiro, Brazil
Renata Cristina Rezende Macedo do Nascimento
Federal University of Ouro Preto, Ouro Preto, Brazil
Vera Lucia Luiza
Oswaldo Cruz Foundation, Rio de Janeiro, Brazil

Editorial Board

Adriano Max Moreira Reis
Federal University of Minas Gerais, Belo Horizonte, Brazil
Ahmed Nadir Kheir
Qatar University, Doha, Qatar
Alberto Herreros de Tejada
Puerta de Hierro University Hospital, Majadahonda, Spain
Carine Raquel Blatt
Federal University of Health Sciences, Porto Alegre, Brazil
Claudia Garcia Osorio de Castro
Oswaldo Cruz Foundation, Rio de Janeiro, Brazil
David Woods
University of Otago, Otago, New Zealand
Dayani Galato
University of Brasília, Brasília, Brazil
Divaldo Pereira Lyra Junior
Federal University of Sergipe, Aracaju, Brazil
Eduardo Savio
Uruguayan Centre for Molecular Imaging, Montevideo,
Uruguay
Inés Ruiz Álvarez
University of Chile, Santiago de Chile, Chile
João Carlos Canotilho Lage
University of Coimbra, Coimbra, Portugal
Lúcia de Araújo Costa Beisl Noblat
Federal University of Bahia, Salvador, Brazil
Marcela Jirón Aliste
University of Chile, Santiago de Chile, Chile
Marcelo Polacow Bisson
Military Police of São Paulo State, São Paulo, Brazil
Maria Teresa Ferreira Herdeiro
University of Aveiro, Aveiro, Portugal
Marta Maria de França Fonteles
Federal University of Fortaleza, Fortaleza, Brazil
Selma Rodrigues de Castilho
Fluminense Federal University, Rio de Janeiro, Brazil
Sonia Lucena Cipriano
University of São Paulo, São Paulo, Brazil

Editorial Design: Liana de Oliveira Costa
Website support: Periódicos em Nuvens
ISSN online: 2316-7750

Mission
To publish and divulge scientific production on subjects of relevance to Hospital Pharmacy and other Health Services.
Publication of Hospital Pharmacy and Health Services
Brazilian Society / Sociedade Brasileira de Farmácia
Hospitalar e Serviços de Saúde

President: Valéria Santos Bezerra
Vice-President: Leonardo Kister

Rua Vergueiro, 1855 - 12º andar
Vila Mariana - São Paulo - SP, Brazil
CEP 04101-000 - Tel./Fax: (11) 5083-4297
atendimento@sbrafh.org.br/www.sbrafh.org.br



Como divulgar diretrizes, guias e protocolos clínicos seguindo os critérios de qualidade?

Conforme já destacado, as diretrizes, os guias e os protocolos são importantes ferramentas que auxiliam as equipes na tomada de decisão, especialmente em situações específicas. Desta forma, é fundamental que nas etapas de avaliação da qualidade do tópico, desenvolvimento e divulgação, os autores estejam atentos aos requisitos metodológicos necessários para a condução e elaboração de recomendações precisas e de alta qualidade.

Na fase de definição do escopo, o primeiro passo é identificar a real necessidade para o desenvolvimento ou atualização da diretriz, guia ou protocolo. Potenciais justificativas envolveriam: alterações de evidências, mudanças importantes nos resultados, novas tecnologias ou alterações nos recursos disponíveis para cuidados de saúde.¹² Na sequência deve-se definir o título do documento a ser elaborado, com base no escopo, assim como seu(s) objetivo(s), equipe a ser envolvida, população-alvo, abordagens a serem incluídas e as perguntas que serão utilizadas como norteadoras para o processo de busca e identificação das evidências científicas. Para a elaboração de uma boa pergunta é recomendado que os autores utilizem o acrônimo PICO (Paciente, Intervenção, Comparador e Desfechos- *Outcomes*) ou suas derivações.¹³ Pensando já na etapa de divulgação, é importante que os autores definam, ainda, os indicadores que serão utilizados para monitorar a implementação e os resultados esperados, assim como os métodos de busca das evidências científicas que serão utilizados.

Na fase de desenvolvimento os autores deverão: a) realizar a seleção das evidências com base nas estratégias de busca previamente definidas; b) extrair as características e os resultados principais das evidências selecionadas; c) analisar criticamente os achados por meio de avaliação da qualidade das evidências para cada pergunta contida no escopo da diretriz; d) elaborar as recomendações com base na interpretação das evidências e demais critérios de decisão; e) estruturar um documento com a sumarização das recomendações devidamente fundamentadas de forma clara e objetiva.¹⁴

Para avaliação da qualidade das evidências selecionadas existem diversas ferramentas recomendadas na literatura científica, dependendo do tipo de estudo selecionado. Os estudos de revisão sistemática ou metanálise, por exemplo, podem ser avaliados pelo uso do instrumento AMSTAR (*A Measurement Tool to Assess systematic Reviews*).¹⁵ O uso desses instrumentos irá qualificar a avaliação, diminuir a subjetividade e ampliar a transparência no processo, minimizando o risco de vieses. Além de avaliar a qualidade das evidências é recomendado, ainda, que se analise a força da evidência. Nessa perspectiva, o sistema GRADE (*Grading of Recommendations, Assessment, Development and Evaluation*)¹⁶ tem sido o método mais recomendado para avaliar a qualidade (alta, moderada, baixa e muito baixa) do conjunto de evidências para cada desfecho, assim como a direção (favorável ou desfavorável) e a força (forte ou fraca) da evidência.

Na etapa de discussão e elaboração das recomendações devem ser consideradas, além da avaliação da qualidade das evidências, os fatores contextuais.¹⁴ Esses aspectos poderão interferir em maior ou menor escala no processo de implementação das diretrizes, guias ou protocolos, ou ainda, nos resultados esperados. Para tanto, recomenda-se a utilização de métodos formais de consenso com o intuito de auxiliar o processo de tomada de decisão. A técnica de grupo nominal, o método de Delphi e as entrevistas semiestruturadas estão entre os métodos mais indicados na literatura para construção de consenso de opinião de especialistas.¹⁷

Uma vez definidas as recomendações, o texto das diretrizes deve conter: uma introdução que inclua o escopo, a justificativa e objetivo do documento; detalhamento metodológico para a elaboração das recomendações; os resultados obtidos e as recomendações; discussão; e, referências. Com o intuito de aumentar a transparência e a validade das diretrizes é recomendado que o material seja submetido a um processo de revisão externa.¹⁴

Tabela 1. Alguns pontos para tomada de decisão sobre a publicação de protocolos, diretrizes ou guias.

Informação	Instituição ou entidade que desenvolveu a diretriz ¹	Comunicação de abrangência regional ou nacional ²	Periódico científico
Publicação do protocolo, diretriz ou guia propriamente dito			
Quem elaborou	Instituição e um grupo de especialistas locais.	Instituição ou entidade de relevância regional ou nacional e um grupo de especialistas da área com representação regional ou nacional com processo seguindo todos os processos de qualidade.	Instituição ou entidade de relevância regional ou nacional e um grupo de especialistas da área com representação regional ou nacional com processo seguindo todos os processos de qualidade.
Publicação de estudos secundários associados à aplicação do protocolo, diretriz ou guia ^{3,4}			
Estudo de avaliação de serviços de saúde			
Verificação da qualidade do serviço	Sim	Sim	Sim
Satisfação do usuário			
Indicadores de estrutura, processo e resultados			
Estudos observacionais que avaliam:			
Prevalência ou incidência de um dado desfecho ou situação definida	Sim	Sim	Sim
Adesão aos elementos que constituem o processo de trabalho			
Estudos custo-efetividade ou econômicos	Sim	Sim	Sim

¹Recomenda-se ampla divulgação dos protocolos ou diretrizes a todos os envolvidos e por diferentes meios de comunicação. ²Publicação impressa ou eletrônica em meios de comunicação, conforme contexto de aplicação do próprio protocolo ou diretriz. ³Em estudos com avaliação antes e depois da implantação do protocolo, diretriz ou guia ou com outra abordagem metodológica para análise do impacto como os ensaios clínicos randomizados. ⁴Recomenda-se a leitura de MS (2015)²⁵ ⁴Cada um desses tipos de estudo têm seus próprios guias de qualidade de escrita recomenda-se buscá-los.²⁶

Na fase de divulgação (difusão, disseminação e implementação) das diretrizes, guias e protocolos é recomendado que os autores sigam alguns passos importantes. Recomendações só serão devidamente implementadas na prática clínica se forem garantidas condições para sua implementação, se forem adotadas estratégias de difusão da informação para todos os atores envolvidos, e se forem estabelecidos mecanismos de disseminação do conhecimento que possibilitem o desenvolvimento de competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) para a incorporação da prática baseada em evidências. A produção de material educacional, capacitações e treinamentos, liderança de opinião, auditorias, alertas e intervenções customizadas ou multifacetadas, estão entre as estratégias mais recomendadas para realização nesta fase.¹⁴ Para monitoramento da implementação diversos instrumentos podem ser utilizados, tais como, questionários de conhecimento antes e depois, inquéritos de avaliação, análise de dados de prontuários ou prescrições, auditorias, análise de indicadores, entre outros.

O rigor metodológico no desenvolvimento de uma diretriz, guia ou protocolo pode ser avaliado pelo uso do instrumento AGREE II (*Appraisal of Guidelines for REsearch & Evaluation*)³, desenvolvido para abordar a variabilidade na qualidade das diretrizes ou do RIGHT (*Reporting Items for practice Guidelines in HealThcare*).¹⁸ O AGREE II é uma ferramenta composta de 23 itens que estão contemplados em seis domínios de qualidade, a saber: escopo e finalidade, envolvimento das partes interessadas, rigor do desenvolvimento, clareza da apresentação, aplicabilidade e independência editorial.³ O RIGHT consiste em um instrumento que inclui 22 itens distribuídos em sete domínios: informações básicas, escopo (*background*), evidência, recomendações, revisão e garantia de qualidade, financiamento e declaração de conflito de interesses, e outras informações.¹⁸ Cabe destacar, no entanto, que os instrumentos, embora apresentem itens semelhantes, possuem diferenças, e os autores podem optar por usar apenas um ou os dois, de forma complementar.¹⁹

A utilização de metodologias adequadas para a elaboração e divulgação das diretrizes, guias e protocolos é fundamental para o desenvolvimento de recomendações e implementação de práticas apropriadas em saúde baseadas em evidências científicas confiáveis e atualizadas. As estratégias metodológicas empregadas e os resultados do processo podem se tornar uma interessante fonte de informações para outros profissionais, gestores e usuários. Entretanto, é preciso entender quando e como uma diretriz, guia ou protocolo pode se tornar uma publicação científica.

Como converter o protocolo, diretriz ou guia em uma publicação científica?

‘Quando e o que publicar?’ é pergunta que rotineiramente os pesquisadores se fazem. Apesar da certeza de que aquele trabalho merece ser publicado, muitas vezes, ao final do dia, ainda paira a dúvida sobre ‘como fazê-lo’. Refletir sobre o melhor formato de estudo e quais as melhores informações a serem apresentadas é fundamental para reduzir o número de recusas e elevar a taxa de sucesso da publicação de qualquer tipo de trabalho científico. Prezado autor, antes de mais nada, nós o tranquilizamos de que este tópico não traz uma ‘receita de bolo’, frequentemente inútil ou cuja aplicação é inviável. O seu objetivo é apresentar alguns casos de sucesso na publicação de artigos relacionados ao desenvolvimento de protocolos, diretrizes ou guias que talvez o auxiliem a definir qual é o melhor percurso de escrita para os resultados que você tem em seu serviço de saúde.

Inúmeros editoriais, livros e mesmo artigos já foram e ainda serão publicados sobre o tema ‘como publicar com sucesso’ e, muitas vezes, com uma ‘receita de bolo’ que pretende tornar simples o complexo trabalho da escrita científica. Para escrever este editorial esta mesma busca foi feita e respostas simples e ao mesmo tempo que não auxiliam os autores foram: “Você tem uma história para contar? Editores e revisores estão procurando por pesquisas originais e inovadoras que adicionam ao seu campo de estudo, lançam nova luz nas descobertas anteriores ou juntam os pontos entre diferentes áreas ou contextos.” Ou, “Existe um público para sua história? Se sua pesquisa contribui para conhecimento em sua área, seus colegas e pesquisadores de outras áreas são prováveis interessados em seu trabalho.” Finalmente, “Como você pode contar sua história? Os artigos acadêmicos vêm em uma variedade de formas e tamanhos, cada um projetado para se adequar pesquisas publicadas em diferentes estágios, em diferentes campos e para compartilhar diferentes aspectos do trabalho”.²⁰⁻²³

A incerteza da publicação de uma pesquisa científica pode ser ainda maior quando está associada a um protocolo, guia ou diretriz, que muitas vezes, em seu delineamento original visava resolver, prevenir ou melhorar algum processo ou atividade do ‘mundo do trabalho’, ou seja, nas suas etapas iniciais de delineamento os envolvidos não tinham como objetivo a publicação de um artigo científico. Assim, a pergunta: ‘Publicar um protocolo desenvolvido por um hospital, farmácia, unidade de saúde da família ou outro serviço é relevante?’ Sem dúvida alguma! Contudo, a esta resposta cabe complementação com outra pergunta: “Publicar aonde?” Além da qualidade do protocolo ou diretriz, previamente mencionados, a resposta dependerá de quem o elaborou e de qual é a sua abrangência.

Recomenda-se ampla e periódica divulgação dos protocolos ou diretrizes a todos os envolvidos e por diferentes meios de comunicação na instituição ou entidade que a desenvolveu. Uma vez que como passar do tempo há a tendência a redução da adesão dos profissionais aos protocolos, diretrizes ou guidelines.²⁴ Contudo, nem sempre os resultados associados ao desenvolvimento, validação ou aplicação de um protocolo, diretriz ou guia constituem inovação ou tiveram o rigor suficiente para serem publicados como artigo em um periódico científico. A Tabela 1, mostra alguns pontos que podem auxiliá-lo na tomada de decisão sobre despende tempo na elaboração de um artigo científico ou não.

A Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde apoia estudos originados dos serviços de saúde e que podem inspirar outros profissionais e serviços da saúde na melhoria dos seus processos de trabalho e do cuidado provido em saúde. Neste sentido, seleciona artigos associados ao desenvolvimento, validação e aplicação de protocolos, diretrizes e guias de processo de prática clínica que possam inspirar aprimoramento do estado da arte do cuidado em saúde. Vejam em nossos números vários artigos publicados na revista que podem apoiá-lo na divulgação dos seus resultados. Somente nos dois últimos números da revista foram cinco artigos.²⁷⁻³¹ Aproveite!

Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram ausência de conflito de interesses neste artigo.



Referências

1. Institute of Medicine (IOM) Committee to Advise the Public Health Service on Clinical Practice Guidelines. Clinical Practice Guidelines: Directions for a New Program. Field MJ, Lohr KN, editors. Washington (DC): National Academies Press (US); 1990. PMID: 25144032.
2. Woolf Sh, Grol R, Hutchinson A *et al.* Clinical guidelines: potential benefits, limitations, and harms of clinical guidelines. *BMJ*. 1999;318(7182):527-530.
3. Brouwers MC, Kho ME, Browman GP *et al.* AGREE Next Steps Consortium. AGREE II: advancing guideline development, reporting and evaluation in health care. *CMAJ*. 2010;182(18):E839-42.
4. Appraisal Of Guidelines For Research & Evaluation (AGREE). AGREE Next Steps Consortium (2017). The AGREE II Instrument [Electronic version]. Available on: <http://www.agreetrust.org>. Accessed 27th Aug 2021.
5. Eddy DM. Clinical decision making: from theory to practice. Designing a practice policy. Standards, guidelines, and options. *JAMA*. 1990 Jun 13;263(22):3077, 3081, 3084. DOI: 10.1001/jama.263.22.3077.
6. Busse R, Klazinga N, Panteli D *et al.* editors. Improving healthcare quality in Europe: Characteristics, effectiveness and implementation of different strategies. Copenhagen (Denmark): European Observatory on Health Systems and Policies. 2019.
7. Mendes EV. As redes de atenção à saúde. Brasília, Organização Pan-Americana da Saúde, 2011.
8. Woolf SH, Grol R, Hutchinson A *et al.* Clinical guidelines: potential benefits, limitations, and harms of clinical guidelines. *BMJ*. 1999;318(7182):527-530.
9. Graham ID, Harrison MB. Evaluation and adaptation of clinical practice guidelines. *Evidence-Based Nursing* 2005;8:68-72.
10. Davis DA, Taylor-Vaisey A. Translating guidelines into practice: a systematic review of theoretic concepts, practice experience and research evidence in the adoption of clinical practice guidelines. *CMAJ*. 1997;157(4):408-16.
11. Shaneyfelt TM, Mayo-Smith MF, Rothwangl J. Are guidelines following guidelines? The methodological quality of clinical practice guidelines in the peer-reviewed medical literature. *JAMA* 1999;281(20):1900-5.
12. Shekelle P, Eccles MP, Grimshaw JM *et al.* When should clinical guidelines be updated?. *BMJ*, 323(7305), 155-157. 2001.
13. Leonardo R. PICO: Model for clinical questions. *Evid Based Med Pract*, 3(115), 2. 2018.
14. Brasil. Ministério da Saúde. Diretrizes metodológicas: elaboração de diretrizes clínicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.
15. Shea BJ, Reeves BC, Wells G *et al.* AMSTAR 2: a critical appraisal tool for systematic reviews that include randomised or non-randomised studies of healthcare interventions, or both. *BMJ*, 358, j4008. 2017.
16. Guyatt GH, Oxman AD, Vist GE *et al.* GRADE: an emerging consensus on rating quality of evidence and strength of recommendations. *BMJ*, 336(7650), 924-926. 2008.
17. Raine R, Sanderson C, Black N. Developing clinical guidelines: a challenge to current methods. *BMJ*, 331(7517), 631. 2005.
18. Chen Y, Yang K, Marušić A *et al.* A reporting tool for practice guidelines in health care: the RIGHT statement. *Ann Int Med*, 166(2), 128-132. 2017.
19. Yao X, Ma J, Wang Q *et al.* A comparison of AGREE and RIGHT: which clinical practice guideline reporting checklist should be followed by guideline developers?. *J Gen Int Med*, 35(3), 894-898. 2020.
20. Elsevier. How to get your research published and then noticed. Available on: <https://www.elsevier.com/?a=91173>. Accessed in: 25th July 2021.
21. Duffy SA, Anderson J, Barks L *et al.* How to get your research published. *Int J Nurs Stud*. 2017 Jan;66:A1-A5. DOI: 10.1016/j.ijnurstu.2016.09.002.
22. Baveye PC. How to get your research published: Complementary perspective. *Int J Nurs Stud*. 2016 Dec;64:96-97. DOI: 10.1016/j.ijnurstu.2016.09.017.
23. Forero DA, Lopez-Leon S, Perry G. A brief guide to the science and art of writing manuscripts in biomedicine. *J Transl Med*. 2020 Nov 10;18(1):425. DOI: 10.1186/s12967-020-02596-2.
24. Ament SMC, de Groot JJA, Maessen JMC *et al.* Sustainability of professionals' adherence to clinical practice guidelines in medical care: a systematic review. *BMJ Open* 2015;5:e008073. DOI:10.1136/bmjopen-2015-008073.
25. Ministério da Saúde (MS). Secretaria-Executiva. Departamento de Regulação, Avaliação e Controle de Sistemas. Pnass: Programa Nacional de Avaliação de Serviços de Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Departamento de Regulação, Avaliação e Controle de Sistemas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 64 p. Available in: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnass_programa_nacional_avaliacao_servicos.pdf. Accessed on: 27th Aug 2021.



26. Equator Network. Available on: https://www.equator-network.org/?post_type=eq_guidelines&eq_guidelines_study_design=observational-studies&eq_guidelines_clinical_specialty=0&eq_guidelines_report_section=0&s=+&eq_guidelines_study_design_sub_cat=0. Accessed in: 29th Jul, 2021.
27. Sidney KM, Chaves EF, Costa HM et al. Use of the failure mode and effect analysis tool in the clinical medication process in an intensive care unit. Rev Bras Farm Hosp Serv Saude. 2021;12(3):0606. DOI: 10.30968/rbfhss.2021.123.0606.
28. Dias E.F, Duque F.T, Groia-Veloso R et al. Description of a disease management service for newly diagnosed children with sickle cell disease. Rev Bras Farm Hosp Serv Saude. 2021;12(3):0638. DOI: 10.30968/rbfhss.2021.123.0638.
29. Maciel LL, Silva MD, Nascimento MG et al. Identifying medications with similar packages in a Brazilian hospital: a multiple step approach. Rev Bras Farm Hosp Serv Saude. 2021;12(2):0549. DOI: 10.30968/rbfhss.2021.122.0549.
30. Bezerra VS, Bedor DC, Oliveira DE et al. Antimicrobial use assessment in an intensive care unit after Stewardship Program implementation. Rev Bras Farm Hosp Serv Saude. 2021;12(2):0551. DOI: 10.30968/rbfhss.2021.122.0551.
31. Oliveira DE, Cunha EG, Guerra DM et al. Procalcitonin-guided protocol use and impact on intensive care unit and antibiotic management: a pilot study. Rev Bras Farm Hosp Serv Saude. 2021;12(2):0563. DOI: 10.30968/rbfhss.2021.122.0563.

Angelita Cristine MELO é farmacêutica, professora da Faculdade de Farmácia da Universidade de São João Del-Rei (Campus Divinópolis), líder do Grupo de Pesquisa em Farmácia Clínica, Assistência Farmacêutica e Saúde Coletiva da UFSJ e editora chefe da RBFHSS.

Mario Jorge SOBREIRA-DA-SILVA é farmacêutico, tecnólogo do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, docente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva e Controle do Câncer e editor associado da RBFHSS.

Renata Cristina NASCIMENTO é farmacêutica, professora da Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), dos Programas de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas (CiPharma) e do Mestrado Profissional em Saúde da Família(ProfSaude) e editora associada da RBFHSS.

